

## No campo de batalha: uma escrita para incendiar corações

Stig Dagerman. *A Política do Impossível*. Tradução de Flávio Quintale. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2017, 120pp.

**Flávia Lucchesi**

Pesquisadora no Nu-Sol e mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP. Contato: [flalucchesi@gmail.com](mailto:flalucchesi@gmail.com)

“É o livro de um anarquista sueco que escreveu no pós-guerra”. Eu nunca tinha ouvido falar de Stig Dagerman. A curiosidade aumentou quando peguei o livro *A Política do Impossível* nas mãos, um livro de bolso com uma colagem na capa, em que um recorte de grama sintética de campo de golf se torna mesa para uma peça de salmão cru, e cujas únicas informações sobre o autor estão na contra capa em que se lê: “Stig Dagerman (1923-1954) (...) em perene revolta contra a condição humana, anárquico visceral”.

Esta é a segunda publicação de Dagerman no Brasil, a primeira, de 1978, foi seu segundo romance, *De dömdas ö* (*A Ilha dos Condenados*), escrito em 1946, e editado pela antiga Editora Civilização Brasileira. Ele foi muito prestigiado na Europa por seus romances e por ser um

jovem escritor; seu primeiro livro, o antimilitarista *Ormen (A Serpente)*, foi publicado quando tinha 22 anos. Foi num período de cinco anos, entre 1945 e 1949, que publicou oito obras, entre romances, contos, peças e uma obra não ficcional, *Tysk höst (Outono Alemão)*, em tradução portuguesa).

Como se pode imaginar, diante do talento descoberto e projetado publicamente, surgiram as comparações de “genialidade”: “Rimbaud do Norte”, “Camus sueco”, e até, a posteriori, “Ian Curtis das letras”. Os que anseiam por genialidade e larga produção, dizem que Stig Dagerman adoeceu, deprimiu-se e teve um “bloqueio de escrita”, calando-se desde 1949, aos 26 anos. Coroa essa hipótese a morte do autor que, em 1954, deu cabo a própria existência intoxicando-se com monóxido de carbono em sua garagem.

Esta é a verdade do entretenimento e da opinião pública, fundamentada em explicações psicanalíticas e existencialistas. O escritor libertário não se calou em 1949. Até pôr fim à sua vida, escreveu e publicou no jornal anarcossindicalista *Arbetaren* (*O Trabalhador*), no qual foi editor durante alguns anos.

Os dezessete textos — ensaios, artigos e uma carta — selecionados para publicação em *A Política do Impossível* acompanham a trajetória de Dagerman através de seus escritos combativos, expõem suas análises políticas e reflexões sobre sua existência, não banhada em lamúrias existencialistas, mas sobre seu trabalho como escritor. Além da bela edição da *Âyiné*, traduzida direto do sueco e revisada e preparada para a publicação em português, houve uma preocupação estética, para além da colagem surrealista da capa, assinada pela jovem artista suíça Julia Geiser.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> A Editora *Âyiné* foi criada em 2013, a partir de uma parceria ítalo-brasileira e tinha sua sede instalada em Veneza (recentemente a impressão dos livros foi transferida para Belo Horizonte). Em seu catálogo há autores renomados da filosofia, como Giorgio Agamben e Marcel Proust, e obras literárias e acadêmicas de escritores europeus — especialmente italianos e russos — contemporâneos e de outras épocas. É de se destacar a outra obra libertária

O livro começa com “O que se vê no chamado movimento dos cidadãos do mundo?” (1949), e não há apresentação, introdução, prefácio, nem posfácio. Abre direto com Dagerman situando a política como a arte do possível, na qual os cidadãos do mundo são prisioneiros do medo e da indiferença. Dentro do possível reina a impotência e a passividade; o possível é sempre apenas o “mínimo pensável” (p. 18).

Vindo de uma formação anarcossindicalista, ele questiona o estado do movimento operário, dividido entre servir a esta política e abandonar a já gasta palavra de ordem de greve geral. E atíça: “sempre faz sentido escolher o impossível em vez do possível. Insensatez é aceitar o possível” (p., 20).

Não há uma ordem cronológica na exposição dos textos. Na sequência vem “Sobre o caso Petkov” (1947) e “Meu ponto de vista sobre o anarquismo” (1946). Seguirei este caminho proposto pela edição, pela coerência com que situa, pela própria obra, o pensamento do anarquista, destacando sua contundência atual.

Dagerman partiu do enforcamento

---

publicada pela editora, *Pela supressão dos partidos políticos* de Simone Weil (2016).

do político búlgaro Nikola Petkov, acusado de espionagem, para analisar os efeitos do despotismo a partir da utilização de uma das maiores armas tirânicas: o medo. Apontou semelhanças entre o nazismo alemão e a ditadura soviética, atento à perseguição e ao extermínio das diferenças, e à disseminação do pensamento covarde que considerava que o que acontecia “além de nossas fronteiras, nos países estrangeiros, eram problemas alheios” (p., 24).

Ao seu modo, Dagerman afirma a solidariedade e o internacionalismo anarquista, não reconhecendo fronteiras e não aceitando o terror imposto aos *outros*.

Em outro artigo, mais adiante, “Contribuições ao debate entre Oriente e Ocidente” (1950), retomando uma das origens do pensamento anarquista em Proudhon, defendeu que o socialismo libertário tem maior “possibilidade de sobreviver em uma democracia burguesa do que sob uma ditadura disfarçada de democracia popular” (p., 50). No entanto, apartou-se da querela entre direita, esquerda e centro; do binarismo da “brincadeira monótona entre Oriente e Ocidente de ativar a bomba atômica” (p., 102), e não se iludiu nem se consolou com a

democracia, anunciando seu caráter espetacular, de “entretenimento”, em suas palavras, e inconciliável com a “dignidade humana”.

O forte posicionamento antimilitarista e pacifista do autor, afetado pelos horrores das guerras e dos autoritarismos, e o ímpeto revolucionário o aproximam ainda de uma perspectiva humanista. De forma alguma confundível com o humanitarismo do pós-guerra, sua preocupação era ainda com a emancipação humana, e ele, no olho do furacão dos acontecimentos, teceu questionamentos diretos à Organização das Nações Unidas e aos acordos e tratados de paz internacionais.

Em “Bem-vindos a Sheffield” (1950), na ocasião do II Congresso Mundial pela Paz, realizado nesta cidade inglesa grande produtora de aço e armas de fogo, o anarquista indagou o que realmente esses encontros internacionais e os documentos deles decorrentes querem dizer, o que eles significam em sua suposta intenção de paz. Sutil e sarcástico, ele comentou os resultados do I Congresso, acontecido um ano antes, em Paris: a guerra das Coreias, o trânsito de refugiados entre as Alemanhas, o desaparecimento de cientistas e físicos, e as relações diplomáticas

travadas entre os Estados Unidos e as “democracias morimbundas”. O texto cresce, e explosivo direciona uma série de questionamentos às abstrações formuladas por estes “reformadores do mundo”.

A oposição à Guerra da Coreia — considerada pela maioria como mais uma questão de disputa política no binarismo da chamada Guerra Fria — foi uma batalha dos anarquistas. Nos Estados Unidos, país diretamente envolvido nesta guerra, Judith Malina e Julian Beck se opuseram a mais essa matança, empastelando as ruas de Nova York com lambe-lambes, espalhando gritos antimilitaristas como “Não deixe os políticos te levarem pra guerra!”.

Como Beck, Malina e outros — conhecidos e anônimos — anarquistas, o posicionamento antimilitarista e a solidariedade de Dagerman se afirmaram diante de todas as guerras realizadas no período em que viveu. Dentre os escritos que compõe *A Política do Impossível*, destaco o belo “Corações ardentes”, publicado antes do fim da Segunda Guerra, em 1943.

E se resta alguma dúvida da contundência e da coragem deste libertário em dizer o que hoje, quase setenta anos depois, poucos encaram, cito: “É notório que o documento de

Estocolmo<sup>2</sup> foi usado sem escrúpulos como álibi para a Guerra da Coreia, para a formação de novas polícias populares e para perseguições aos pacifistas” (p., 55).

Antes disso, no ano seguinte à criação da ONU, ele já havia atacado isso que se delineava como um programa de governo planetário, em seu escrito “Meu ponto de vista sobre o anarquismo”, explicitando a “infâmia que é ver um grupo de representantes brincar com o destino de bilhões de pessoas e ninguém achar um absurdo” (p., 33) e mostrando que não só o nazismo, que escancarou a violência física sem limites como uma prática inerente aos Estados autoritários, mas também as democracias exerciam o terror e outras infindáveis violências sobre as pessoas.

Dentre essas violências, Dagerman considerava as “pressões” exercidas pelos governos democráticos sobre as pessoas, combinadas aos efeitos da guerra e aos horrores do autoritarismo, produzindo neuroses e angústia. É notável a influência da psicanálise em seu pensamento, em especial das hipóteses de Wilhelm

---

<sup>2</sup> O Apelo de Estocolmo contra o armamento nuclear, assinado em março de 1950, durante encontro que instituiu o Conselho Mundial da Paz.

Reich, que reverberaram também entre outros anarquistas desta época como Paul Goodman, Judith Malina e Julian Beck. Impreteríveis para a liberação do sexo, algumas décadas depois deste escrito de Dagerman, entre os libertários, as considerações de Reich se somaram aos combates de anarquistas travados no início do século XX, na luta por outras práticas amorosas e sexuais, outros costumes livres, como vemos com Émile Armand, Emma Goldman e Han Ryner.

“Defendo um novo modo de pensar (...) capaz de radiografar com análises apuradas as convenções importantes que não foram levadas em consideração devido ao primitivismo sexual reinante e que esteja em condições de, com o tempo, convencer todos aqueles que por causa das neuroses e guerras mundiais querem enquadrar todas as previsões de Marx, Adam Smith e do papa” (p., 38).

Apesar de exaltar as práticas e conquistas anarcossindicalistas, Dagerman se voltava também para essas questões caras aos individualistas, transitando sem polêmicas entre os anarquismos. E mostrava a pequenez do senso comum e dos opositores que postulavam a periculosidade

anarquista de acordo com o quão armados estavam e, caso contrário, o anarquista não passava de um “perdido romântico”. Ele, porém, afirmava as práticas anarquistas em sua multiplicidade.

Como um “político do impossível”, travava sua batalha diária através da escrita. O trabalho do escritor é uma questão que atravessa a maioria dos textos do livro. Por meio do seu trabalho como escritor ele afirmava o seu compromisso com a liberdade, sua prática revolucionária na terra de ninguém. Engajado com a imprensa libertária procurava dar subsídios intelectuais e “diversão revolucionária” aos leitores. Dedicava-se a construir uma literatura combativa, ampliadora das práticas de liberdade, e contra “todo tipo de Igreja” (p., 102).

O texto mais recente que compõe a publicação é “Passeando pelo bairro de Santa Clara” (1952), no qual descreve o início do novo processo de urbanização de Estocolmo — que teve suas vias alargadas e adequadas aos carros e com a maioria das antigas casas demolidas —, opondo-se a este desenvolvimento. Mas o último escrito de Dagerman foi para o *Arbetaren*, publicado um dia após inalar quantidade suficiente de monóxido de carbono para se matar. Este gás foi utilizado nos campos

de extermínio nazista e é produzido também na queima de combustível de automóveis, modo como o anarquista o obteve.

O último texto de *A Política do Impossível* é uma carta, não datada, escrita por ele em resposta a uma jovem formanda. Encerra desejando-lhe sorte e “duas coisas que atrapalham o sucesso exterior e têm

todo o direito de fazê-lo porque são importantes: o amor e a liberdade” (p., 120). Stig Dagerman escolheu, em liberdade, mudar o caminho, e na imprevisibilidade impossível dos corações ardentes, afirmativamente, deixou de existir. Mas aí está sua obra, pulsando, a ser descoberta por outros libertários e corações que ainda arderão.